

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A LÍNGUAGEM NO PÓS ESTRUTURALISMO

LA PRODUCTIVITÉ SCIENTIFIQUE SUR LE LANGAGE DANS LE POST- STRUCTURALISME

Cidmar Teodoro PAIS
Universidade de São Paulo

Tradução do original francês por:
Maria de Fátima B. de M. BATISTA
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Depois de situar as dificuldades geradas pelas críticas feitas ao estruturalismo clássico, o autor discute sobre os verdadeiros metamodelos científicos que podem receber o nome de pós-estruturalistas, ou seja, aqueles que se definiram por uma concepção dinâmica ou dialética de sistema e estrutura.

Palavras chave: Pós-estruturalismo; Pancronia; Semiótica; Linguística.

Résumé: Après avoir discuté sur les difficultés, engendrées par les références critiques à le structuralisme classique, l'auteur aborde les vrais scientifiques métamodèles qui peuvent être nommés post-structuralistes, c'est à dire ceux qui sont définis par une conception dynamique ou dialectique du système et de la structure.

Mots Clés: Post-structuralisme ; Pancronia ; Sémiotique ; Linguistique.

Introdução

Uma onda de proclamações antiestruturalistas foi deflagrada nos meios universitários e científicos no fim dos anos sessenta. Criticava-se o estruturalismo 'clássico' porque estudava somente a língua e não a fala; o sistema e não o discurso; o enunciado e não a enunciação. Censurava-se também sua sincronia rígida que lhe fazia perder a perspectiva histórica, responsabilizando-o por sustentar uma concepção estática de estrutura. Algumas entre estas críticas eram pertinentes, como, por exemplo, aquela que se refere à sincronia, sendo apresentados os modelos pancrônicos. Outras, entretanto, eram desprovidas de fundamento, o que decorria de uma espécie de perseguição linguística e delas não nos ocuparemos neste trabalho.

Certos autores desta época cometeram erros epistemológicos e metodológicos bem graves, se levarmos em conta as críticas que eles tinham formulado. Eles se propuseram a estudar a fala sem a colocar em relação com a língua; de analisar o discurso, sem considerar o sistema a partir do qual ele foi engendrado; de estudar a enunciação como se ela pudesse estar desligada de seu produto, o enunciado. Em suma, após ter esmiuçado as “dicotomias” estruturalistas, tais autores fizeram incidir seus trabalhos sobre o segundo termo dessas dicotomias e isto não constituiu, em última análise, uma atitude estruturalista. Notadamente, algumas pesquisas pertinentes a este período que se diziam ‘psicolinguística’ ou ‘sociolinguística’ (como, por exemplo, o estudo de casos isolados que não conduziam a nenhuma conclusão mais geral, que não levavam jamais a uma formulação de modelos gerais, de explicação de fenômenos concernentes) resultaram em algum descrédito para aquelas disciplinas cuja importância, no entanto, é indiscutível.

Entretanto, este período caracterizou-se, também, por reflexões fecundas concernentes ao objeto, ao campo, ao estatuto epistemológico e aos métodos da linguística. Estava-se bastante interessado, igualmente, na discussão da ideologia subjacente às teorias linguísticas.

O pós estruturalismo nas ciências da linguagem

Se tentarmos circunscrever, em algumas páginas, as diferentes tendências e as características essenciais das diversas teorias ou correntes que se desenvolveram no período posterior ao estruturalismo clássico, reconheceremos, imediatamente, que a tarefa não é fácil. Do ponto de vista que aqui nos interessa, ou seja, da ciência concebida como um processo de produção que se desenvolve ao longo da história, ou enquanto sucessão de modelos e de teorias, acreditamos que é legítimo limitarmo-nos ao exame dos metamodelos, ou a algumas reflexões sobre as grandes opções epistemológicas e metodológicas, ainda que a propósito das metateorias subjacentes à construção de novos modelos e mesmo de novas disciplinas científicas.

No início dos anos setenta, uma ruptura epistemológica verificou-se segundo a previsão feita por Althüссер. Sendo sensíveis à pertinência de certas críticas endereçadas ao estruturalismo clássico, ou tendo participado eles próprios da enunciação destas críticas, os linguistas começaram a abandonar as concepções estáticas de sistema e estrutura e procuraram elaborar uma concepção dinâmica ou dialética de sistema e estrutura. Esta elaboração está longe de ser concluída, mas ela se traduz por uma

preocupação constante e muito produtiva, seja na formulação de novos metamodelos e de novas teorias, seja nos esforços de reorientação e de dinamização dos modelos e das teorias que se encontravam em curso de elaboração nesta época. Assim, por exemplo, a sintaxe-semântica constituiu-se, enquanto uma das mais recentes disciplinas da história da linguística, segundo as proposições apresentadas por Pottier, na França e por Fillmore nos Estados Unidos, considerados com justiça seus melhores representantes até hoje. A sintaxe – semântica foi a primeira a sustentar a ideia, plenamente aceita na atualidade, de que os estudos sintáticos e semânticos não poderiam ser conduzidos isolados e separadamente, como era a prática na gramática tradicional, no estruturalismo clássico e na gramática standard, porque faltava ser reconhecida a interdependência das estruturas semânticas e sintáticas. A sintaxe–semântica demonstrou, em seguida, que, nas relações sintático–semânticas, a semântica determina a sintaxe (e não o contrário, como pretendia a gramática standard) de modo que estas relações se chamam atualmente semântico–sintáticas. A análise sêmica desenvolvida por Pottier tornou-se muito rigorosa e operatória. Uma vez bem estabelecida a distinção fundamental entre semântica lexical e semântica gramatical, sua interdependência e sua complementaridade foram claramente reconhecidas, daí a criação de instrumentos de análise muito produtivos. A sintaxe casual enriqueceu-se, notavelmente e, no estado atual da teoria de Pottier, as instâncias da enunciação e do enunciado se encontram articuladas de maneira muito satisfatória (como é o caso, por exemplo, das relações entre modalidade e aspecto). Todas estas aquisições permitem prever um desenvolvimento mais enriquecedor, estando a sintaxe–semântica construída a partir de uma crítica das propostas de estruturalismo clássico e da gramática gerativa **standard**, situando-se, portanto, claramente para além do estruturalismo.

No capítulo das relações entre linguística e lógica, com inteira razão, Ducrot (1972/1980) observou, com inteira razão, que todos os esforços realizados até então procuravam submeter as línguas naturais e seus discursos aos diferentes modelos elaborados pelos diversos sistemas lógicos construídos, como é o caso, por exemplo, da gramática de Port–Royal (a lógica de Aristóteles e de Santo Tomas de Aquino) e as gramáticas formais (lógica matemática) entre outras da nossa época. Ele propôs, portanto, a necessidade de proceder de uma maneira inversa: reconhecer que a linguagem tem uma função lógica e estudar a lógica da linguagem, ou seja, a lógica das línguas naturais e de seus discursos. Segue-se disto a elaboração de uma teoria sólida que compreende as leis lógicas e argumentativas da linguagem e uma teoria estrutural (e

não estruturalismo) do discurso, onde a enunciação é conciliada como uma polifonia(p.96).

O início dos anos 70 vê surgir e igualmente se desenvolver o projeto de uma nova ciência, a semiótica, que não se confunde com a semiótica filosófica (ou de inspiração e de origem filosófica) peirceana e que, também, se distancia claramente da semiologia estruturalista (Greimas, 1970/1997). Trata-se, portanto, de uma ciência em construção, onde as proposições e os trabalhos de Greimas e seus discípulos tiveram um papel decisivo, conduzindo à construção daquilo que hoje se chama *A Escola Semiótica de Paris*.

A semiótica pode ser definida como a ciência da significação. Seu objeto é constituído pelos sistemas semióticos — verbais não verbais e complexos ou sincréticos — e seus discursos. Ela opõe, portanto, a concepção de sistema de signos da semiologia estruturalista, sua concepção de sistema de significação.

A nosso ver, um sistema de significação contém um sistema de signos e os ultrapassa largamente. Este último é constituído, por seu turno, por um inventário de funções semióticas (grandeza - signos) e metasemióticas e de uma sintaxe operacional frástica e transfrástica, que origina uma dinâmica no sistema. Por seu turno, a sintaxe transfrástica contempla as estruturas narrativas, as estruturas discursivas e os mecanismos de transformações, quando da passagem de um nível a outro, a partir do nível da semântica profunda, em direção às estruturas discursivas propriamente ditas — a atorialização, a espacialização, a temporalização, a aspectualização — enfim, em direção à tematização e a figurativização, ou seja, as transformações que têm lugar ao longo do percurso gerativo de um texto. Esta sintaxe transfrástica deve prever, também, os processos de persuasão/interpretação, de manipulação/contramanipulação e os mecanismos de veridicção.

Todas estas questões são evidentemente muito complexas. Não obstante sua criação bastante recente e o fato de se caracterizar, no momento atual como um projeto de ciência, a semiótica já produziu um conjunto bem vasto de pesquisas, conduzidas de maneira segura e produtiva, elaborou uma metalinguagem científica rigorosa e construiu um quadro teórico coerente e perfeitamente operatório. Além disso, novas disciplinas foram desenvolvidas no interior da semiótica, entre as quais, é necessário citar ainda a psicosemiótica e a sociosemiótica que estuda os discursos sociais não literários como, por exemplo, o discurso científico, o político, o jurídico, o religioso, o pedagógico, o burocrático, etc. Em sociosemiótica, o estudo das estruturas de poder dos discursos

abre o caminho em direção a uma tipologia dos discursos. Nesta perspectiva, devem-se considerar os sistemas semióticos como processos de produção e, ao mesmo tempo, os discursos, enquanto microssemióticas, como processos de produção da significação — o discurso como lugar da semiose —, da informação, da produção e da reiteração da ideologia.

Com efeito, uma primeira etapa histórica foi ultrapassada, na qual as contribuições epistemológicas e metodológicas da linguística e da semiótica parecia fazerem-se em uma única direção. Durante os anos setenta, as contribuições mútuas entre as duas ciências aumentaram de tal forma que é legítimo afirmar que a linguística hoje se tornou, rapidamente, do ponto de vista epistemológico e também no que concerne à práxis científica efetiva, um ramo da semiótica, segundo uma reelaboração dinâmica da antiga concepção de Saussure (1964:23-32) em oposição com as propostas da semiologia estrutural. Em outras palavras, a semiótica se ocupa dos sistemas de significação em geral e de seus discursos, enquanto que a linguística tem a tarefa de descrever e explicar os sistemas semióticos particulares que são as línguas naturais e os discursos que, ao mesmo tempo, constituem a manifestação desses sistemas e estão na origem de sua mudança. Por outro lado, o conjunto de sistemas semióticos que operam no interior de uma comunidade dada e de seus discursos constitui a macro semiótica de certa comunidade. Tornou-se possível, portanto, entre outras coisas, conceber uma semiótica da cultura que deveria conduzir igualmente a proposta de uma tipologia das culturas, segundo a expressão de Lotman (1971) e onde é necessário fazer intervir também a noção de episteme tal qual foi concebida por Foucault (1966:19-91).

Seguindo os metamodelos que a semiótica e a linguística elaboram, além do estruturalismo, pensamos que o sistema não pode funcionar de uma maneira satisfatória senão na medida em que uma tensão dialética é sustentada entre duas forças ou tendências contrárias, a **conservação** e a **mudança**. A produtividade do discurso, por seu termo, é assegurada pela tensão dialética entre duas tendências contrárias o **consenso** e a **especificidade** (Pais, 1979: 69-80). Assim, pode-se dizer que o sistema e o discurso contraem uma função, mas esta não é unívoca como poderia afirmar Hjelmslev (1968: 18) de sorte que, uma tensão dialética sistema/discurso é sustentada, definindo o processo semiótico. Desta forma, um sistema **x**, a certo momento, autoriza a produção de um discurso **y**, o qual, por sua produtividade, produz significação e informação novas. Uma parte destas se perde, mas outra é recuperada e conservada, integrando-se ao sistema e mudando-o *ipso facto*, daí surgindo que o sistema **x** autoriza o discurso **y**

subsequente. Nestas condições, o sistema não é imanente e estático, mas subjacente aos discursos: o sistema produz o discurso que produz o sistema. Assim, segundo uma visão próxima àquela de Lacan (1975), nós somos os produtores de nossos discursos e o resultado de nossos discursos. Trata-se de um sujeito interessante, a nosso ver, e bastante complexo que pretendemos analisar, a seguir, neste trabalho.

Consideramos, então, que os esforços convergentes da semiótica e da linguística — aí incluídos certos trabalhos da sociolinguística — conduzem a uma concepção de pancronia *lato sensu*, em fase de elaboração e que não se confunde com a pancronia *stricto sensu* do estruturalismo. Com efeito, esta era entendida como um método que combinava os eixos sincrônicos e diacrônicos de maneira que propunha, em suma, o estudo sincrônico de sistemas sucessivos, no eixo do tempo, que pertencia ao mesmo idioma e o exame contrastivo destes. Tal concepção implicava o estabelecimento de “buracos negros” linguísticos, para assegurar que sejam encontradas as diferenças sensíveis entre os sistemas sucessivos considerados, ou seja, para assegurar mesmo a confiabilidade da pesquisa. Em outras palavras, ela tornava necessário conceber, pelo mesmo do ponto de vista teórico, um momento de ruptura entre tais sistemas. Assim, procurava-se estudar dois processos combinados: o funcionamento e a mutação da língua. A pancronia no sentido amplo, tal como estamos tentando conceber e elaborar, além do estruturalismo, pretende, ao contrário, que o funcionamento da língua em sociedade e enquanto instrumento de comunicação e de mutação da língua, no eixo da história, constituem um único e mesmo processo. Procura, portanto, propor a neutralização dos eixos sincrônicos e diacrônicos.

Observamos, em seguida, que a língua e seus discursos, assim como os diferentes sistemas semióticos que pertencem a uma cultura determinada e constituem, portanto, sua macrossemiótica realizam a construção e a permanente reconstrução da visão de mundo que lhes corresponde, ou seja, de uma ideologia coerente e compatível, subjacente a estes sistemas, a seus discursos e a esta mesma cultura. Desta maneira, ainda que a língua seja um sistema semiótico muito poderoso, econômico e manuseável para o tratamento, ela permanece, apenas, como um dos instrumentos, entre muitos outros de pensar o mundo (Pais, 1984: p. 44 – 46).

Todas estas propostas fazem surgir, a nosso ver, a necessidade de reformular a noção de competência. Pensamos, com efeito, que a competência é variável de um sujeito a outro, segundo sistema semiótico que se concernentes — o que foi sempre evidente, mas ela é também variável, no interior de um sistema semiótico dado, quando

se passa de um universo de discurso a outro. Enfim, uma vez que o sistema é constantemente reconstruído pela sucessão dos discursos como já assinalamos, a competência varia, não apenas de um sujeito a outro, como também com relação ao mesmo sujeito, de um momento para o outro, ao longo de sua continuidade histórica enquanto indivíduo. Entendemos que o sistema semiótico não é um código, mas compreende, ao contrário, vários códigos (e subcódigos) assim como um universo semiótico que lhes corresponde, segundo um processo contínuo de autoalimentação e autorregulação. Temos que tratar, portanto, de uma concepção dinâmica de estrutura. A nosso ver, a estrutura assume, simultaneamente, as funções de *structura structurans* e *structura structurata* e é neste sentido que conduzimos os esforços de nossa pesquisa.

Com efeito, uma metateoria formal-funcional está subjacente às teorias e aos modelos da semiótica e da linguística pós-estruturalista, uma vez que elas utilizam, de maneira concomitante e combinando as noções de função enquanto trabalho, encadeamento ou funcionamento e enquanto relação de dependência. Seus modelos e metamodelos se caracterizam, portanto, como formais-funcionais. Trata-se, dessa forma, de uma visão epistemológica de alto alcance, para qual contribuiu fortemente o fato de que a semiótica inspirou-se na elaboração de sua teoria, nos modelos e proposições da sintaxe semântica em linguística. Como exemplo, basta lembrar a combinação e a articulação constantes, em semiótica, dos níveis e dos elementos semânticos e sintáticos. Assim, podemos considerar a semiótica, a bem da verdade como uma espécie de sintaxe semântica transfrástica. As possibilidades de homologação ou, se preferirmos, de estabelecimento de correspondência entre certos modelos da sintaxe semântica e da semiótica, como veremos depois, mostram que as relações entre elas constituem um belo exemplo de cooperação epistemológica, no processo de construção da ciência. Aliás, a linguística pós-estruturalista se preocupa com a diversidade linguística numa concepção nitidamente abrangente, uma vez que ela se interessa pela diversidade das línguas e das relações que estas mantêm com as culturas que lhes correspondem e, ainda, pela diversidade dos discursos, no âmbito de uma língua e de uma cultura determinadas. A semiótica, por seu turno, se interessa igualmente pela diversidade dos sistemas semióticos, pelas relações que estes mantêm entre si e com suas culturas respectivas e também com a diversidade dos discursos no interior destas, conduzindo mesmo à proposta de uma semiótica da cultura e de uma tipologia das culturas.

Nestas condições, consideramos, atualmente, em linguística e em semiótica, a necessidade de examinar o sistema e o discurso em suas relações e articulações no interior de um processo de produção. Assim, o enunciado e a enunciação são analisados em suas interdependências, sendo a enunciação entendida como uma tensão. Em outras palavras, as relações entre língua, cultura e sociedade assumem uma importância que elas não tinham antes e devem ser reconhecidas como tensões, no âmbito de um processo mais vasto, ou seja, o complexo linguístico e sociocultural.

Com efeito, as relações entre a linguística e a semiótica, de um lado, e as outras ciências do homem, do outro, se desenvolvem de uma maneira privilegiada e cada vez mais precisa, sendo dada uma grande ênfase à necessidade de estudos interdisciplinares. Daí resulta o crescimento das disciplinas interdisciplinares por definição, como a sociolinguística, a psicolinguística, a etnolinguística, a sociosemiótica, a psicosemiótica.

A partir dos trabalhos onde as relações entre enunciação e enunciado, assim como as condições de emprego e a determinação contextual ocupa um lugar destacável, vê-se a pragmática desenvolver-se ao longo dos anos setenta, de tal forma que ela encarna, no momento atual, uma das grandes opções epistemológicas no âmbito dos estudos linguísticos. Com efeito, ao contrario do estruturalismo clássico, que preconizava a objetividade e a eliminação do sujeito, ela reintroduz a subjetividade na linguagem. Aliás, encontramos, também, certa tendência nos trabalhos mais recentes da semiótica. Por outro lado, observa-se que a semiótica peirceana, definida em sua origem como uma *lógica* ou uma *logística*, torna-se cada vez mais impressionista, enquanto que a semiótica greimasiana que fazia parte do funcionalismo saussuriano torna-se cada vez mais formalizada. Desta maneira, constata-se agora uma convergência de duas semióticas. Em outras palavras, a dinamização dos modelos semióticos passa, necessariamente, pela fragmentação da semiótica.

A propósito da renovação profunda que se verifica nos estudos semânticos, aí incluídas questões como as relações entre enunciação e enunciado e a lógica da produção do sentido, parece-nos indispensável retomar aqui as importantes pesquisas realizadas por R. Martim (1983:66). Naquilo que concerne, ainda, ao desenvolvimento das pesquisas semânticas de análise do discurso, parece-nos igualmente indispensável assinalar aqui os trabalhos de P. Charoudeau (1983) e F. Rastier (1989).

Embora os linguistas e os semioticistas da presente fase se interessem de maneira crescente pela diversidade do sistema e dos discursos e por suas múltiplas

relações no interior dos processos semióticos de produção, como acabamos de ver, eles não abandonam as reflexões e as investigações relativas aos universais semióticos e linguísticos. Ao contrário, eles os intensificam. Assim, ao modelo chomisquiano, que compreendia uma estrutura profunda e uma estrutura de superfície, pensamos que é legítimo opor hoje, em semiótica greimasiana, quatro níveis estruturais: uma estrutura que se pode chamar *hiperprofunda*, as estruturas profundas, as estruturas intermediárias (as actancias, por exemplo), as estruturas discursivas, ou de superfície, que se inserem no percurso gerativo, conduzindo a manifestação.

Nesta perspectiva, parece-nos possível e mesmo necessário tentar estabelecer certa semelhança entre os modelos da semiótica e da sintaxe semântica de Pottier como já dissemos. A nosso ver, é uma questão fundamental, da qual vamo-nos ocupar neste trabalho. Sobre este ponto de vista, pensamos que se pode fazer corresponder ao nível da estrutura *hiperprofunda* da teoria semiótica, o nível conceptual, pré-código e transcódigo proposto e formalizado de uma maneira muito rica e precisa por Pottier. A nosso ver, trata-se de um nível onde se procura examinar e formular as estruturas e os processos que definem a aptidão semiótica do homem, ou seja, o conjunto dos princípios, dos modelos e dos processos que permitem ao homem engendrar e operar os sistemas semióticos. A estes propósitos, convém retomar igualmente as pesquisas de F. Rastier sobre a semântica cognitiva.

Na construção das teorias semiótica e linguística, de seus modelos e metamodelos, a formalização representa um papel muito importante e sempre crescente. Os modelos lógico-matemáticos, assim como os modelos da lógico-dialética e da lógica modal são utilizados de maneira mais adequada e mais precisa. Sobre este assunto, é necessário sublinhar os excelentes trabalhos de Culioli (1970) a construção extremamente significativa dos linguistas matemáticos como, por exemplo, Revzin (1968). Marcus (1967) Gentilhome (1982), assim como as propostas de R.Thon (1980), no que diz respeito à linguística e a semiótica e as pesquisas de Petitot (1977), em semiótica, entre outros.

Nestes termos, persevera-se no esforço de elaborar uma metalinguagem científica dotada de um nível muito elevado de rigor e de um grande poder de explicação, cujo aperfeiçoamento constitui um processo contínuo.

Por uma concepção atual de ciência:

Como sabemos, o exame dos metamodelos constitutivos das teorias científicas permite reconhecer as metateorias que se encontram na origem de sua construção, tornando possível detectar, a ideologia subjacente a estas teorias e seus metamodelos. Assim, vimos que as teorias linguistas de Martinet (1963/1965) e de Jakobson (1963) se definem como funcionalistas, enquanto que a de Hjelmslev (1968) se caracteriza como formalista. Pudemos notar, em seguida, que certas teorias desenvolvidas no pós-estruturalismo — como, por exemplo, a semiótica greimasiana e a sintaxe semântica de Pottier (1974) — caminhariam em direção à construção de metamodelos formais – funcionais. Trata-se de um avanço epistemológico neutro muito importante.

Pensamos, também, que, no momento atual, a ciência em geral e, mais particularmente, a linguística e a semiótica se afastam definitivamente da concepção positivista do século XIX. Desta maneira, a ciência não saberia (ou poderia) mais ser considerada como neutra, a política e objetiva, isto no sentido de uma análise, descrição e explicação do objeto, independentes do sujeito investigador e das condições socioeconômicas e culturais de investigação. Ela não saberia mais ser tomada como o único instrumento legítimo e confiável de conhecimento do homem. Ao contrario, a ciência deve ser concebida, agora, como um processo de produção que se desenvolve no eixo da história e que se integra, portanto, ao processo histórico. Nela, observa-se uma integração constante entre o sujeito investigador e o objeto da pesquisa. Em outras palavras, este objeto não existe em si mesmo e para ele mesmo, fora da ciência que resulta de um recorte efetuado sobre o contínuo da experiência pelo discurso científico. Então, a ciência é uma projeção do saber do homem sobre o objeto, a produção do objeto e a projeção do saber sobre este objeto que são variáveis e submetidas às condições socioeconômicas e culturais.

Nesta perspectiva, a ciência se confunde com o discurso científico ou, mais exatamente, equivale ao universo de discurso científico e constitui um dos processos racionais de conhecimento do homem, em relação de complementaridade com o discurso filosófico, de sorte que eles se sustentam reciprocamente. A ciência, portanto, se define como um processo de pesquisa da verdade e de construção do saber, para a melhoria de condições de vida do homem. São estes os valores que justificam o fazer científico em sociedade. Neste caso, a ciência, não pode ser neutra, mas é política porque a práxis científica só se legitima quando é exercida com responsabilidade social. A Ciência dentro da filosofia da ciência e da política da ciência não pode justificar-se e isso provoca imediatamente uma ética da ciência.

A construção da ciência, enquanto processo de produção, e enquanto discurso não pode estar dissociada da construção e permanente reconstrução de uma metalinguagem científica. Esta se encontra em crise, mas se trata de uma crise muito fecunda (uma vez que) a ciência se caracteriza como um saber dinâmico em oposição ao saber estático da erudição. Daí resulta que as verdades científicas são sempre provisórias: são modelos os mais simples, os mais coerentes, os mais econômicos e, ao mesmo tempo, os mais adequados e os mais exaustivos para dar conta de um certo número de fatos, no estado atual da ciência, de sorte que se consideram como os mais fecundos os modelos que conduzem rapidamente a sua própria ultrapassagem. Podemos, portanto, assim mesmo, completar que a metalinguagem científica considerada como instrumento de análise, descrição e explicação, constrói-se funciona em construções. Seu funcionamento e sua construção têm lugar no discurso científico, segundo a produtividade deste.

Em termos sociosemióticos, o discurso científico se define pela modalidade complexa do poder-fazer-saber enquanto que o discurso tecnológico (ou da ciência aplicada) é caracterizado pela modalidade complexa poder-saber-fazer. Neste sentido, o discurso científico e o discurso tecnológico constituem discursos contrários, cuja produtividade só será assegurada se uma tensão dialética for sustentada entre elas. Neste sentido, um dos problemas mais graves dos países subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento é justamente dissociação entre os dois discursos: uma vez feita a opção de importar da tecnologia para queimar as etapas, esta tecnologia não é fornecida, como deve, com os conhecimentos científicos que a tinham autorizado — pois aquela correria risco de permitir a produção de nova tecnologia — de sorte que se vê crescer a dependência tecnologia, ao mesmo tempo, que a produção científica local se esteriliza, pela impossibilidade de submeter seus modelos à validação de suas aplicações.

Se pensarmos agora nas relações que se estabelecem entre a linguística e a semiótica, de um lado, e suas aplicações, de outro — o discurso pedagógico do ensino da língua, ou o ensino da literatura, a elaboração de dicionários e de gramáticas normativas, a produção de vocabulários técnicos e científicos, a terapia dos problemas da linguagem, o tratamento automático da informação linguística, a inteligência artificial etc — parece-nos imperioso admitir que estes discursos não podem ser produzidos a não ser na medida em que um processo de alimentação e de realimentação é sustentado de maneira constante: os modelos científicos — ou o saber científico constituído — autorizam um saber fazer e encontram nas aplicações tecnológicas um

espaço privilegiado de sua validação, onde podemos verificar seu poder de explicação e seus limites. A tecnologia, por seu turno, tendo testado os modelos científicos, realimenta a ciência, ou remetendo-lhe novas questões a investigar. Temos aqui condições *sine qua non* para que estes discursos sejam produtivos. Cremos que é necessário refletir sobre estas questões, numa época em que se lamenta, muitas vezes, da ineficiência dos discursos pedagógicos institucional, no ensino das letras, por exemplo, ao mesmo tempo, em que se deplora o caráter vazio de algumas pesquisas ditas científicas. A nosso ver, não saberíamos remediar tal situação, sem eliminar ou, pelo menos, reduzir sensivelmente dissociação a que nos referimos para estabelecer a articulação entre o discurso científico e o discurso tecnológico neste domínio. Isto implica, simultaneamente, o abandono de soluções técnicas imediatistas e o reforço da pesquisa fundamental.

Somemos a isto, o fato de que o discurso científico é ideológico, como o são, aliás, todos os discursos, não sendo a ciência neutra, nem podendo sê-lo, como vimos. Assim, ao lado dos valores assinalados acima, que justificam o exercício da ciência em sociedade é necessário considerar que o discurso científico comporta, nele próprio, vários níveis de ideologia. Em primeiro lugar, ele reflete, como todo discurso linguístico, a visão de mundo da língua e da cultura na qual é produzido e manifestado. Em segundo lugar, o discurso científico, enquanto metalinguagem, elabora, a partir da visão de mundo da língua a qual ele pertence uma visão de mundo secundária (da mesma forma que o discurso filosófico, o discurso literário, etc.). Em terceiro lugar, o discurso científico tem como característica ideológica necessária o *dizer a verdade* devendo-se compreender isto, segundo o estatuto sociossemiótico que lhe é atribuído pela sociedade, como poder fazer com que as coisas ditas sejam consideradas verdadeiras. Enfim, o discurso científico está orientado e marcado para uma ideologia variável, seguindo as correntes da época e compreendido no nível dos metamodelos que constituem as teorias e, sobretudo, no nível das metateorias subjacentes aos esforços de pesquisa.

Atualmente, a linguística se define como uma ciência dotada de uma vocação interdisciplinar e mesmo multidisciplinar acentuada. A ciência da linguagem verbal ampliou seu objeto, assim como seu campo de investigação. Com efeito, ela se propõe a estudar, isto é analisar, descrever e explicar: a) os sistemas semióticos linguísticos que são as línguas naturais e os sistemas que se desenvolvem em seu interior, sua estrutura, funcionamento e mudança no eixo da história; os discursos linguísticos e, neles, a

produção da significação, a produção e o tratamento da informação, a produção e a reiteração da ideologia; c) as relações que se estabelecem entre os sistemas e seus discursos, no interior do processo semiótico-linguístico, concluído como um processo de produção; d) as relações entre língua, cultura e sociedade; e) a tipologia dos discursos linguísticos; f) os processos de aquisição, desenvolvimento e deterioração da língua; g) as relações entre os sistemas semióticos linguísticos e seus discursos, de um lado, e os sistemas semióticos não-verbais e complexos e seus discursos, de outro.

Desta maneira, as pesquisas linguísticas tornam-se mais produtivas e mais fecundas na medida em que o processo interdisciplinar de contribuições recíprocas está constantemente sustentado entre a linguística e a sociologia, a antropologia, a psicologia, a psicanálise, a história, as ciências da comunicação e da informação e, finalmente, a semiótica. Estas contribuições interdisciplinares não tiram da linguística sua especificidade; ao contrário, elas permitem melhor precisá-la. Por outro lado as aplicações dos resultados da investigação científica, em linguística, numa série bem vasta de tecnologias, como a pedagogia das línguas, a análise literária, a terapia dos distúrbios da linguagem, o estudo dos sistemas de tratamentos da informação e da comunicação, a produção de glossários e de vocabulários técnicos e científicos, de dicionários terminológicos, o desenvolvimento da inteligência artificial, entre outros, deveriam conduzir, como acabamos de ver, a uma intensificação das relações de alimentação entre ciência e tecnologia, sendo inclusive esta intensificação, neste domínio, uma das condições mais importantes para o avanço das pesquisas linguísticas.

Consideramos, agora, que a semiótica se define como a ciência da significação e que ela se propõe a estudar os sistemas semióticos e seus discursos, sua estrutura, funcionamento e mudança no eixo da história, os sistemas semióticos e seus discursos, no interior de um modelo semiótico, concluído, ele próprio como um processo de produção; as relações entre cultura, sociedade e sistemas semióticos; a tipologia dos sistemas semióticos, assim como a tipologia dos discursos; as possibilidades de reformulação de uma tipologia das culturas.

Conclusão

Nesta perspectiva, é necessário reconhecer que as relações entre a semiótica e a linguística se mostram, ao mesmo tempo, muito ricas e fortemente complexas. Efetivamente, do ponto de vista epistemológico, é suficiente pensar no objeto de estudo das duas ciências, como acabamos de fazer, para admitir que a proposta de Greimas é

bem fundamentada: a semiótica compreende a linguística, ou se preferirmos, a linguística torna-se um dos ramos da semiótica, com a condição de perfilar esta como um projeto de ciência, cujo objeto, o campo e o método se encontram ainda no curso da elaboração e de não restringir a prática científica atual. Por outro lado, uma vez que a sociosemiótica se define como o estudo dos discursos sociais não literários, a linguística constitui, enquanto discurso científico, um dos objetos da semiótica. No que diz respeito às grandes opções epistemológicas e metodológicas, já observamos que a metodologia e a linguística pós-estruturalista, procuram elaborar concepções dinâmicas ou dialéticas de sistema e de estrutura, estando este indissociavelmente ligado às preocupações de fundar um método panocrônico no sentido amplo do termo, de tal sorte que somos levados a constatar não apenas a convergência de numerosos esforços e propostas, como também um desenvolvimento complementar de duas ciências, cujas contribuições mútuas se revelam cada vez mais fecundas.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J.L. **Quand dire c'est faire**. Paris, Seuil, 1970.

BARTHES, R. **Le degré zéro de l'écriture. Éléments de sémiologie**. Paris, Seuil, 1966.

CHARAUDEAU, Patrick. "**Sens e signification**". In: *Chaiers de lexicologie*, n° 21. Paris: Didier-Larousse, 1972-II, p.9-21.

_____. CHARAUDEAU, Patrick. **Les conditions linguistiques d'une analyse du discours**. Tese apresentada na Université de Paris IV. Université de Lille III, 1978, 575p.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, 1965, p. 3-10;p.16

COURTÉS, Joseph. **Introduction à la sémiotique narrative et discursive**. Paris, Hachette, 1976.

CULIOLI, A. **La formalisation en linguistique**. In: Culioli, A et al. – *Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage*. Documents de linguistique quantitative, 7. Paris, Dunod, 1970.

DUCROT, O. **Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique**. Paris, Hermann, 1972.

FILMORE, CJ. **Toward a modern theory of case**. In: REBEL & SCHANE – *Modern studies in English*. New Jersey, Prentice hall, 1966.

FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Paris, Gallimard, 1966: p. 19-91

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémiotique et sciences sociales**. Paris: Seuil, 1976.

_____. **Semiótica do discurso científico. Da modalidade**. São Paulo, Difel, 1976

_____. **Sémantique Structurale**. Paris, Larousse, 1966.

_____. **Du sens. Essais sémiotiques**. Paris, Seuil, 1970.

- _____. **Du sens II**. Paris, Seuil, 1984.
- GENTILHOMME, Y et al. **Linguistique et mathématiques**. Berne, Francofort/M, Peter Lang, 1982. Lang, 1982
- HJELMSLEV, L. **Prolégomènes à une théorie du langage**. Paris: Minuit, 1968.
- LANDOWSKI, Eric. et al. **Introduction à l'analyse du discours em sciences sociales**. Paris: Hachette, 1976.
- JAKOBSON, Roman. **Les règles des dégats grammaticaux**. In: KRISTEVA, J. et al. – *Langue, discours, société*. Paris: Seuil, 1975, p. 11-25.
- _____. **Essais de linguistique générale**. Paris, Minuit, 1963.
- LOTMAN, Y. **Problèmes de la typologie des cultures**. In: KRISTEVA, J. Et al. *Essays in Semiotics. Essais de Sémiotique*. Paris, Le Hague, Moutosn, 1971, p. 45-56
- MAINGUENEAU, Dominique. **Initiation aux methods de l'analyse du dscours**. Paris: Hachette, 1976.
- MARTINET, André. **Éléments de linguistique générale**. Paris: Armand Colin, 1963.
- MARTIN, R. **Pour une logique du sens**. Paris, Puf, 1983
- PAIS, Cidmar Teodoro. *Ensaaios semiótico-linguísticos*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Structuration du signifié: de l'analyse conceotuelle à la lexemisation**. *Acta Semiotica et Linguística*, V.2. São Paulo, Hucitec, p. 327-338, 1978.
- _____. **Les tensions et les parcours de production du processus sémiotique**. *Acta Semiótica et Linguística*, V.3. São Paulo, Global Editora, p. 103-124, 1979.
- _____. **Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive**. Thèse de Doctorat ès-Lettres d'État. Paris: Université de Paris-IV (Sorbonne)/ Lille. A.N.R.T., 761 p. 1993.
- _____. **Conceptualização, interdiscursividade, arquiteyto, arquidiscorso**. *Revista Philologus*, CIFEFIL/UERJ/ABF, v. 8, p. 101-111, 2002a.
- _____. **Considérations à propos de la conceptualisation, des relations interdiscursives, l'archi-texte, l'archi-discours**. *Acta Semiotica et Linguística Revista Internacional de Semiótica e Linguística*, São Paulo, v. 9, p. 227-238, 2002b.
- _____. PAIS, Cidmar Teodoro. **Semiótica das Culturas: valores e saberes compartilhados**. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 155-172, 2006.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo, Cultrix, 1972
- PETITOT, J. **Topologie du carré sémiotique**. In: *Etudes Littéraires*. Presses de l'Université Laval, 1977.
- POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris, Puf, 1992, p
- RASTIER, François. **Sémantique et recherches cognitives**. Paris, PUF, 1991
- SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. 3^a éd. Paris, Payot, 1964
- SIMONIN-GRUMBACH, Jeni. **Pour une typologie des discours**. In: KRISTEVA, J. et al. – *Langue, discours, société*. Paris, Seuil, p.85-121, 1975.